

- ensinar e aprender: Didática e formação de professores.* (pp. 89-101). Porto Alegre: EdPUCRS.
- MINAYO, M. C. de S. (2011). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- MORAES, M. C. (2001). Recuo da teoria: dilemas na pesquisa em educação. *Revista Portuguesa de Educação*. Universidade do Minho, Braga/Portugal, 14 (001).
- MORAES, R. e GALIAZZI, M. do C. (2011). *Análise textual discursiva*. Ijuí: Unijuí.
- OLIVEIRA, V. (2006). Processos formativos. In: MOROSINI, M. C. (Org.). *Enciclopédia de pedagogia universitária – Glossário*. Vol. 2. Brasília: Inep/Mec.
- SANTOS, B. de S. (2007). *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo.
- SANTOS, B. de S. (2010). *Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez.
- SILVA, R. T. dos P. da. (2011). *As contribuições de Paulo Freire em minha trajetória acadêmica e profissional*. Ijuí: Unijuí- anais do evento XIII Fórum de estudos leituras de Paulo Freire.
- TARDIF, M. e LESSARD, C. (2011). *O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Rio de Janeiro: Vozes.
- TARDIF, M. (2008). *Saberes docente e formação profissional*. Rio de Janeiro: Vozes.
- TARDIF, M. (2000). Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr. (13), 5-24.

6.127.

Título:

Audiovisuais na formação de professores em instituições de Ensino Superior

Autor/a (es/as):

Silva, Virgínia de Oliveira [DHP/Centro de Educação/Universidade Federal da Paraíba]
Campos, Marília Lopes de [DES/Instituto Multidisciplinar/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro]

Resumo:

A presente comunicação refere-se tanto à pesquisa realizada no Instituto de Educação da

UFRRJ e na Faculdade de Educação da UERJ, em 2011; quanto às nossas reflexões no campo da Comunicação e da Educação, dada a nossa formação em Comunicação e a nossa lida profissional, inaugurada em 1986, na área educacional, no Rio de Janeiro, e também na Paraíba, onde lecionamos desde 2006, na Pedagogia e nas Licenciaturas da UFPB; e se relaciona à Linha de Pesquisa *Linguagens Audiovisuais, formação cidadã e redes de conhecimento*, do Grupo de Pesquisa *Políticas Públicas, Gestão Educacional e Participação Cidadã*; e ao *Projeto Cinestésico – Cinema e Educação* da UFPB. Na era pós-industrial, novas tecnologias da informação constroem um modelo educativo distinto do tradicional. Sua simples utilização, contudo, não garante a qualidade de ensino, pois o fracasso educacional fundamenta-se, sobretudo, na inadequação de temas, linguagens e referências culturais que embasam as ações curriculares, bem como de recursos e metodologias. Neste sentido, é relevante e pertinente pesquisar as relações e os usos dos recursos audiovisuais (cinema, vídeo...) em Instituições de Ensino Superior que formam professores, em um cotidiano dominado pela linguagem das mídias eletrônicas (BELLONI, 2001). Metodologicamente, realizamos uma pesquisa qualitativa, considerando o vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode se traduzir em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas nessa modalidade de pesquisa, bem como são focos principais de abordagem o processo e seu significado (GOLDENBERG, 1999). Procuramos investigar nosso problema, tanto pelo Método Dialético, por considerar que os fatos devam ser tomados em seus contextos histórico, social, político, econômico... (GIL, 1999; LAKATOS; MARCONI, 2003), quanto pelo Método Fenomenológico, por afirmar a realidade como um construto social, ou seja, a realidade não é única: existem tantas quantas forem as suas interpretações e comunicações. O sujeito/ator é aqui reconhecidamente importante no processo de construção do conhecimento (GIL, 1999; TRIVIÑOS, 1997). Buscamos as “resistências desviantes” (GIARD, 1996), utilizando referenciais da Educação, da Comunicação e da Cultura, na Educomunicação (BRASIL, 2006; SCHAUN, 2002): a utilização dos media e neotecnologias da comunicação no ensino, a educação para a crítica dos media e a produção de veículos de comunicação democrática. Refletimos sobre a predominância das linguagens audiovisuais no cotidiano de nossa “aldeia global” (McLUHAN, 1969), colonizado pelas mensagens da mídia, bem como a dinâmica cultural no mundo de “Modernidade Tardia” (HALL, 2003; GIDDENS, 1991), marcado pelo “hibridismo” (CANCLINI, 2000), fruto da circularidade cultural e das trocas e interpenetrações de diferentes autores e referências. Pesquisamos se a exibição e o debate de produtos cinematográficos em IES de formação docente possibilitariam aos sujeitos tornarem-se, mais que *leitores* das linguagens e dos meios audiovisuais, autores e produtores. Como possibilidade de produção de conhecimento, resta claro que meios e linguagens audiovisuais precisam ser incorporados às atividades de pesquisa, o que também precisa ser alvo de

investigação, avaliando-se seu impacto nas atividades formativas.

Palavras-chave:

Audiovisual; Formação de Professores; Ensino Superior; Educomunicação.

Introdução

Comunicamos os resultados de nossa pesquisa desenvolvida no período de nossa licença para capacitação, no segundo semestre de 2011, junto aos Programas de Pós-Graduação em Educação de duas importantes Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro: na Licenciatura de Educação do Campo e o Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (LEC-UFRRJ e PPGEA-UFRRJ) e no Laboratório Educação e Imagem do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LEI-PROPed-UERJ), para a construção de nosso Projeto de Pós-Doutoramento, seguindo a Linha de Pesquisa *Linguagens Audiovisuais, formação cidadã e redes de conhecimento*, do Grupo de Pesquisa *Políticas Públicas, Gestão Educacional e Participação Cidadã*; e do *Projeto Cinestésico – Cinema e Educação* da UFPB.

É notório o fato de que as instituições de ensino universitário e de ensino básico utilizem os recursos audiovisuais de modo ainda insatisfatório, muito embora tenhamos nosso cotidiano impregnado predominantemente pela linguagem audiovisual característica das mídias eletrônicas (BELLONI, 2001). Como pertencentes ao movimento cineclubista, desde a década de 1970, e lecionando a partir de 1987, no Estado do Rio de Janeiro, sempre creditamos elevada importância à utilização de recursos audiovisuais na prática pedagógica. Mas lamentamos que o processo de produção dos recursos audiovisuais não esteja tão disseminado dentre os sujeitos que constituem os diferentes níveis de ensino público, nem mesmo no nível universitário, quanto estão os produtos que já lhes chegam prontos e sugeridos como material didático (via instituições de pesquisa, MEC, TV Escola, Tele-Cursos etc.), o que nos permite perceber a questão ideológica embutida nessa interdição ao acesso aos meios de produção de audiovisuais (ALTHUSSER, 1998).

Paralela a essa observação da ausência do acesso ao processo de produção de audiovisuais por parte de muitos dos indivíduos envolvidos (estudantes, funcionários e professores) com as instituições públicas de ensino superior, há outra que nos aponta, dialeticamente, para o fato - cada vez mais corriqueiro dado o incontestável aumento da oferta de produtos audiovisuais ocasionado, sobretudo, pelo avanço tecnológico - de que muitas pessoas, para além de verem televisão diariamente, registram em vídeo festas e eventos familiares significativos para as suas vidas. Ou seja, são receptoras e produtoras de audiovisuais, mesmo que sem qualificação específica para tal, uma vez que as instituições possuem equipamentos audiovisuais, mas, pouco ou quase nada vemos sobre o ensino e a produção cinematográfica (FRANCASTEL, 1998; CITELLI; COSTA, 2011) na formação profissional oferecida

no ensino superior, tanto nos cursos de formação de professores (Pedagogia e Licenciaturas) quanto nos demais cursos.

Assim, a urgência e a importância de nossa pesquisa, voltada para a reflexão tanto sobre as maneiras e os modos como são apropriados os produtos audiovisuais quanto sobre as formas de sua produção no espaço educacional, se justificam, uma vez que a relação com os meios audiovisuais nas instituições de ensino quer nos parecer, ainda e a despeito do surgimento do campo de estudos da Educomunicação (SOARES, I., 2011), meramente ilustrativa e não incorporada como elemento estratégico nas mudanças ocorridas quanto às formas de construção de conhecimento e de leitura de mundo (FREIRE, 2006). As atividades de nossa pesquisa podem contribuir para a incorporação de novas formas de construção de conhecimento e de auto-constituição de sujeitos reflexivos, cidadãos críticos no mundo midiático globalizado (McLUHAN, 1967), tanto no âmbito da formação de professores quanto de outros profissionais. Oferecemos, nesse levantamento datado e localizado, elementos que auxiliam a compreender, se não nesse momento, no futuro, parte do imenso e importante campo que percebemos compor esta questão.

Linguagens audiovisuais no cotidiano educacional superior

Nossa pesquisa fundamentou-se em referenciais presentes tanto no âmbito da teoria da Educação quanto nos estudos da Comunicação e da Cultura, compreendidos no campo da área de pesquisa que cada vez mais se consolida na academia: a Educomunicação (BRASIL, 2006; SCHAUN, 2002), e procura denotar a importância de a educação entender as dinâmicas discursivas da comunicação para explorar produtivamente as possibilidades de crítica e produção de conhecimento no contexto do mundo atual, marcado pelas novas linguagens da mídia (CITELLI; COSTA, 2011).

Em primeiro lugar, é fundamental destacarmos a predominância das linguagens audiovisuais no cotidiano de nossa “aldeia global” (McLUHAN, 1969), colonizado pelas mensagens da mídia, bem como a dinâmica cultural em um mundo de “Modernidade Tardia” (HALL, 2003; GIDDENS, 1991), marcado pelo “hibridismo” (CANCLINI, 2000), fruto da circularidade cultural e das intensas trocas e interpenetrações de diferentes autores e referências.

Estudantes que não escrevem e, portanto, não lêem ou vice-versa, associados a professores com a formação profissional defasada e fragmentada, este parece ser um lado reconhecível da “*crise da leitura*” (FREIRE, 2006). O outro lado seria cunhado pela “*nova mentalidade que estaria privilegiando o campo visual, a comunicação através das imagens*”, o que nos acrescentaria, por sua vez, um “*outro perfil de leitor*”:

Costuma-se dizer que vivemos em uma civilização da imagem ou do audiovisual. Enquanto o tempo dedicado à leitura tende a diminuir entre as novas gerações, verifica-se que o tempo dedicado a assistir à televisão e ouvir música gravada não pára de crescer. O livro cada vez

mais deixa de ser o vetor de emoção, de sonho e de diversão que era tempos atrás. (LEVY, 1998, p. 15)

No final do século XX, na era pós-industrial, ocorreu o ápice do desenvolvimento de novas tecnologias da informação. Recursos tecnológicos atualmente disponíveis permitem construir um modelo de comunidade educativa com características distintas da tradicional. Como nos informa Lévy (1998):

Com a inteligência artificial, os instrumentos de simulação de predominância visual, a síntese de imagens, o hipertexto e a multimídia interativa, o final do século XX, está reinventando a escrita, talvez de modo ainda mais profundo que o fim do século XV, com a imprensa. (p. 14)

A simples utilização das tecnologias da informação pelos docentes, contudo, não garante a melhoria da qualidade de ensino. Aprender a construir o conhecimento com maior autonomia, incentivar as atividades interdisciplinares, integrar teoria e prática e fortalecer os vínculos interpessoais e societários parecem ser os reais desafios para a transformação da escola no século XXI.

Quer nos parecer hoje imperioso refletir sobre o papel da educação diante desse aparato tecnológico que invade alguns lares e mais recentemente - destinado pelo Governo Federal - as instituições de ensino – kit-multimídia, kit-modernidade, televisores, aparelhos de DVD, parabólicas, computadores...

Assim, podemos compreender a “crise da leitura” como “*reordenação de linguagens*”:

O abismo aprofunda-se sempre mais entre o banho cultural midiático e o domínio do saber ou do pensamento, chegando a indicar uma nova ordem da escrita. De um lado, o embalado musical e o fascínio das imagens animadas; de outro, o mundo do papel impresso, que parece cada vez mais cinzento e menos desejável a uma juventude nascida em meio ao espetáculo. (LÉVY, 1998, p. 15)

Não podemos esquecer a questão da exclusão social, distinguindo os indivíduos entre os **que podem** e os **que não podem** adquirir para si (dado o custo econômico, ainda que venha se popularizando) essa parafernália tecnológica, compreendida também como um bem cultural.

Entendendo que essa decantada “crise da leitura” (alunos não-leitores/professores com formação profissional defasada) impõe que se reflita hoje sobre a importância do uso dos audiovisuais tanto como metodologia de ensino quanto como objeto de estudo e compreendendo que o espaço escolar é considerado⁷⁷ o da aquisição e do incentivo ao conhecimento sistematizado, debruçamo-nos sobre

⁷⁷Sobretudo para as classes mais desfavorecidas economicamente.

nosso problema, privilegiando a instância da esfera pública como campo empírico para nossa pesquisa.

Como afirma Viñao Frago (1993), “*Nessa cultura eletrônica, pós-tipográfica, a fotografia e o cinema, a televisão e o vídeo, o visual – o cartaz, a publicidade e a imagem – introduziram novos modos de ver e de pensar a realidade. (...) diferentes dos eminentemente orais ou dos da escrita*”. Aqui nos pareceu emergir outra questão que possui ampla abrangência, reconhecemos que não poderíamos e nem desejaríamos esgotá-la: *qual seria o procedimento pedagógico dos profissionais de ensino superior diante de uma gama de elementos que trazem consigo uma nova espécie de apelo e outra forma de leitura diferentes das trazidas pelo texto em seu suporte impresso?*

Em segundo lugar, tentamos compreender o papel da exibição e do debate de produtos audiovisuais nos processos e instituições de formação: *possibilitariam aos sujeitos não apenas se tornar leitores das linguagens e dos meios audiovisuais, mas também autores-produtores?* Como possibilidade de produção de conhecimento, percebemos que os meios e as linguagens audiovisuais precisam ser incorporados às atividades de pesquisa, e que esta inserção precisa ser também alvo de investigação, para que se possa avaliar o impacto da sua presença nas atividades formativas.

É importante apontar a contribuição que as atividades de produção, exibição e debate de audiovisuais podem dar à superação das barreiras disciplinares, possibilitando a construção de diferentes conhecimentos em rede, permitindo maior articulação com a realidade, maior multiplicidade na constituição das referências para a ressignificação dos eventos vividos pelos sujeitos no mundo (ALVES, GARCIA, 2000), configurando nos espaços escolares – do ensino superior ou do básico – o caráter de espaços de produção cultural, compreendendo a educação como ação cultural (FREIRE, 1979) para a emancipação dos homens em um mundo social em processo de crescente barbárie.

No que diz respeito, em particular, aos objetivos e às atividades formativas no campo da Educação, e lembrando o que pontuou Bourdieu (1996): “*Parece-me muito importante, quando abordamos uma prática cultural qualquer, nos interrogarmos enquanto praticantes, nós mesmos, desta prática*”, devemos lembrar que o PPP de 2006 do Curso de Pedagogia da UFPB aponta no âmbito das COMPETÊNCIAS, ATITUDES e HABILIDADES que:

o regresso do Curso de Pedagogia deverá estar apto a atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária (buscando, dentre diversos objetivos): (...) aplicar modos de ensinar diferentes linguagens (...); relacionar as linguagens dos meios de comunicação aplicadas à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas; (...) desenvolver trabalho em equipe, estabelecendo diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento; (...).

É perceptível o anacronismo que caracteriza a formação de professores face às demandas do cotidiano midiático e globalizado, já que, conforme destaca o parecer sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, tal processo:

manteve predominantemente um formato tradicional que não contempla muitas das características consideradas, na atualidade, como inerentes à atividade docente, entre as quais se destacam: (...) incentivar atividades de enriquecimento cultural; desenvolver práticas investigativas; elaborar e executar projetos para desenvolver conteúdos curriculares; utilizar novas metodologias, estratégias e materiais de apoio; (...). (Parecer CNE/CP/009/2001, p. 04)

As novas tecnologias da informação constroem um modelo educativo distinto do tradicional. Sua simples utilização, contudo, não garante a qualidade de ensino, pois o fracasso educacional fundamenta-se, sobretudo, na inadequação de recursos e metodologias, de temas, linguagens e referências culturais que embasam as ações curriculares. É fundamental a inserção de projetos e iniciativas, no âmbito da formação de professores, promovendo o trabalho pedagógico com as linguagens e meios audiovisuais em processos de construção de conhecimento.

Além disso, destacamos o próprio papel que os meios audiovisuais possuem por se constituírem em suportes de exercício de auto-reflexão crítica dos sujeitos, para que se auto-constituam intersubjetivamente como criadores de conhecimento no mundo social. Conforme Betton (1987, p. 98) “o cinema permite que cada espectador conte-se a si próprio, veja-se viver, julgue-se. Revela-nos inúmeros desejos insuspeitos”.

Sodré (2002) discute as mudanças sócio-culturais contemporâneas, mostrando a necessária redefinição de escola, para que seja capaz de abarcar a revolução informacional – utilizando todo o aparato hipermídia - e comportar outros atores sociais para a tarefa da educação e da configuração de uma ética. Afirma o potencial das neotecnologias - amparadas por uma pedagogia da autonomia - para uma aprendizagem ativa de conhecimento, unindo o jogo ao aprendizado, propiciando singularização humana.

Pressupõe-se assim uma nova escola, implícita à necessidade da *educomunicação* - a utilização dos media e neotecnologias da comunicação no ensino, a educação para a crítica dos media e a produção de veículos de comunicação democrática -, pela proposição no espaço educativo da construção de audiovisuais, jornais experimentais, programas de rádio, *blogs*, *sites*...

Segundo Giard (1996, p. 20), a proposta de Certeau (1996) pode ser concretizada “em três níveis: as modalidades da ação, as formalidades das práticas, os tipos de operação especificados pelas maneiras de fazer”.⁷⁸

Nesse sentido, problematizamos em nossa pesquisa: as instituições de ensino superior possuem o objetivo de iniciar os sujeitos nas linguagens audiovisuais, qualificando-os em sua formação para a leitura reflexiva das mídias e para criações experimentais? Ou, ainda, os audiovisuais são produzidos e utilizados no ensino superior como meros instrumentos didático-pedagógicos ou como formadores, eles mesmos, de processos de conhecimento?

O caminho percorrido

Considerando haver vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode se traduzir em números, nossa pesquisa possuiu caráter qualitativo. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas nessa modalidade de pesquisa, bem como são considerados os focos principais de abordagem, o processo e seu significado (GOLDENBERG, 1999). Procuramos investigar nosso problema tanto pelo Método Dialético, por considerar que os fatos não podem ser tomados fora de seus contextos histórico, sócio-político e econômico... (GIL, 1999; LAKATOS; MARCONI, 2003), quanto pelo Método Fenomenológico, por afirmar a realidade como um construto social, que só pode ser entendido como o compreendido, o interpretado, o comunicado, ou seja, a realidade não é única: existem tantas quantas forem as suas interpretações e comunicações. O sujeito/ator é aqui reconhecidamente importante no processo de construção do conhecimento (GIL, 1999; TRIVIÑOS, 1997).

Atuamos em cidades do Estado do Rio de Janeiro (Seropédica-Nova Iguaçu-Rio de Janeiro), com o viés da pesquisa participante, estimulando e pesquisando as formas de produção de conhecimento implicadas nas linguagens audiovisuais, aproximando três instituições de ensino superior, a UERJ, a UFRRJ e a UFPB; buscando viabilizar a construção de conhecimentos das áreas da Educação e da Comunicação.

Lakatos e Marconi (2003) destacam que a pesquisa participante não possui um planejamento ou um projeto totalmente fechado anteriormente à prática, posto que, em sua dinâmica, vai se construindo junto aos participantes (sujeitos do processo investigativo), que auxiliam na escolha das bases teóricas, de seus objetivos e hipóteses e na elaboração do cronograma de atividades. Assim, elaboramos o nosso cronograma em reuniões destinadas à negociação e ao acordo de datas com os membros das

⁷⁸Como em Certeau (1996, p. 98): “(...)‘movimento’ sub-reptício e astucioso, isto é, a atividade de ‘fazer com’.”

instituições pesquisadas e o cumprimos, realizando leituras, oferecendo minicursos e promovendo exposições de audiovisuais seguidas de debate de agosto a outubro de 2011.

As projeções de produtos audiovisuais, muito mais que objetos de simples fruição (LEONE, 1987; MARTIN, 1990), possibilitaram o ensino e o desvelamento da linguagem cinematográfica, como também a promoção de debates com a presença de convidados, estimulando trocas e reflexões sobre educação, comunicação, cultura, extensão (FREIRE, 2011) e outras questões de interesse local, nacional e mundial abordadas nas obras exibidas com caráter de atividade de extensão universitária. Quanto à produção, periodicamente, a equipe de profissionais e estudantes envolvidos reuniram-se para pesquisar, avaliar e organizar suas atividades.

Ainda na perspectiva da pesquisa participante, o processo de discussão e de seleção dos temas desenvolvidos (por exemplo, os roteiros para produzir audiovisuais) partiu sempre de uma perspectiva descentralizada e democrática, na qual todos opinavam e sugeriam, uma vez que consideramos que o caráter formativo das atividades poderia ser entendido em três diferentes dimensões: a) o próprio processo de exibição e de vivência proporcionada pelos debates; b) o processo de discussão das atividades e de seus resultados; c) a oferta de minicurso sobre Linguagem Fílmica para criação de roteiros e produções audiovisuais.



Figura 2 Reprodução de Slide do Minicurso ministrado por nós na UFRRJ

Quanto à pesquisa de campo, desenvolveu-se nas sessões de exibição seguida de debate e nas experiências de produção audiovisual, analisando e refletindo sobre as práticas de recepção do público, procurando compreender os impactos formativos produzidos durante o desenvolvimento das etapas da pesquisa. Assim, os registros escritos e audiovisuais dos participantes das atividades

desenvolvidas durante a pesquisa constituíram-se, também, em importantes fontes de análise para a produção dessa comunicação acadêmica. Estamos em fase de edição desses registros e em breve os postaremos em nosso canal no youtube.

A avaliação de todo o processo investigativo realizou-se pelos registros escritos e audiovisuais dos participantes, no decorrer das ações; pelo acompanhamento e replanejamento, a partir de reuniões com os sujeitos envolvidos na pesquisa; e pelos balanços mensais das atividades realizadas e das avaliações dos participantes da pesquisa.

Avaliamos que nossa pesquisa alcançou seu objetivo geral e obtivemos subsídios crítico e reflexivo para construir nosso Projeto de Pós-Doutoramento, envolvendo as áreas da Educação e da Comunicação. Quanto aos nossos objetivos específicos:

- a) Realizamos revisão bibliográfica sobre a temática Cinema e Educação;
- b) Participamos de reuniões mensais com a Professora Lana Fonseca (PPGEA-UFRRJ) e com a Professora Marília Campos (LEC-UFRRJ), no Instituto de Educação (IE) – Seropédica–RJ e/ou no Instituto Multidisciplinar (IM) da UFRRJ - Nova Iguaçu–RJ, bem como com a Professora PhD Mailsa Passos do LEI-UERJ - Maracanã-Rio de Janeiro;
- c) Ministramos Minicursos de Linguagem Cinematográfica, promovendo, com exercícios práticos, os processos de pré-produção, produção e pós-produção de audiovisuais coletivos, para o Grupo de Pesquisa e para a Turma de Prática de Ensino de Biologia do IE-UFRRJ;
- d) Exibimos e debatemos audiovisuais internacionais e brasileiros, dentre eles, os componentes da *IV Mostra Interestadual do Cinema Paraibano*⁷⁹, para docentes e futuros docentes, no Auditório Paulo Freire do IE-UFRRJ e no do IM-UFRRJ, socializando com os sujeitos as características da linguagem audiovisual, qualificando-os em sua formação na leitura reflexiva das mídias e nas criações experimentais;

⁷⁹ Conferir em <http://www.projetocinestesico.blogspot.com.br/p/mostras.html>.



Figura 3 Cartaz da IV Mostra

e) Estimulamos a reflexão e a produção de audiovisuais, articulando equipes multidisciplinares em torno de temáticas significativas para as comunidades acadêmicas envolvidas; do argumento construído pela Turma de Prática de Ensino de Biologia do IE-UFRJ; e da produção acadêmica dos voluntários e ex-bolsistas do Projeto Cinestésico – Cinema e Educação da UFPB (presentes no Rio de Janeiro, de 09 a 14.09.2011), Carlos Nunes, Emerson Cunha, Janaine Aires e Maria Silva, junto à LEC-UFRJ;

f) Observamos que os processos de formação de plateia e de criação de pólos de exibição na UERJ e na UFRJ são intensos, seja pelo cineclubismo (<http://cineartesuercineclube.blogspot.com.br/> e <http://wilsongrey.blogspot.com/>) ou por ações acadêmicas, como nos Cursos com que estivemos envolvidos (LEC e Biologia) que promovem o acesso de funcionários, professores e estudantes aos bens audiovisuais, e estimulam a reflexão crítica, promovendo debates na comunidade acadêmica. Na UFPB, cineclubes (<http://cineclubejmb.blogspot.com.br/>) e projetos que articulam Cinema e Educação, para além da exibição e do debate, possibilitam o que Dubois⁸⁰ (2012) chama de “cinema de exposição”, por exemplo, quando o Cinestésico e o Coletivo COMJunto

⁸⁰ Em 03.04.2012, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ. Conferir http://www.ufrj.br/mostraNoticia.php?noticia=12783_Philipe-Dubois-abre-o-semester-na-Pos-Graduacao-em-Comunicacao.html.

(<http://comjuntocoletivo.blogspot.com.br/>) expõem, a pedidos dos espectadores, imagens em movimento na parede do prédio de Comunicação, na ação denominada “*Youtube-se*”;



Figura 4 Professora Marília Campos debatendo filmes paraibanos exibidos para a turma da LEC-UFRRJ

g) Percebemos, no levantamento de dados, que a produção audiovisual do Aerocine e Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação da UFRRJ, os curtas “Chapa” e “Ocupação Regente Feijó”, possibilita seu uso como elemento produtor de conhecimento no ensino superior público daquela instituição. Também testemunhamos o esforço que está sendo empreendido tanto pela turma da Professora Marília Campos, auxiliada pela cineasta Carol Pitzer e pela mestrandia Monique Lima, na direção de se montar um Setor de Audiovisual da LEC-UFRRJ, quanto pelo Grupo de Pesquisa da Professora Lana Fonseca (PPGEA-UFRRJ), na intenção de se produzir um documentário sobre o processo de formação de professores de Biologia, com docentes e discentes da Escola Estadual Presidente Dutra. Em relação à produção audiovisual do LEI-PROPED-UERJ, recebemos da Professora Mailsa Passos o documentário “Magdalena – a imaginação também é minha”, realizado pelo seu Grupo de Pesquisa com o intuito de registrar dados dos saberes ligados à memória afetiva da afrodescendente, ex-doméstica e atual artista plástica, Maria Magdalena Gonçalves dos Santos. Tal filme foi financiado pelo CNPq, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro-FAPERJ, contando com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. Além disso, o LEI recebeu em 2010 importante aporte de verba da FAPERJ, para a aquisição de equipamentos destinados à captura, edição e pós-produção de audiovisuais. Todo esse cenário nos legitima a concluir que o ato de se fazer audiovisual, além de ser compreendido como mais um elemento pedagógico no

LEI-UERJ (assim como também o são a publicação de um livro, o planejamento das aulas, por exemplo), encontra-se institucionalizado interna e externamente àquela IES, haja vista a dignidade com a qual foi considerada e aprovada a solicitação financeira que seus realizadores fizeram a instituições firmemente associadas à pesquisa: FAPERJ e CNPq. Quanto à UFPB, há produção de audiovisuais através de projetos de pesquisa e de extensão com ou sem aporte financeiro e tecnológico institucionais, que podemos exemplificar, respectivamente, pelo Projeto Aprender em Paz (<http://http://aprenderempaz.blogspot.com/>) e Projeto Cinestésico (<http://www.youtube.com/user/projetocinestesico/videos>);



Figura 5 Produção de Audiovisual pelo Cinestésico

- h) Possibilitamos ao público da pesquisa a avaliação de suas atividades, e recebemos declarações verbais, em sua maioria, afirmando que possuíam insuficiência de informações acerca da Linguagem Cinematográfica, antes de nosso processo de socialização coletiva, promovido a partir dos Minicursos ofertados. Os depoimentos foram unânimes ao indicar a enorme contribuição que realizamos para se garantir a possível melhoria da qualidade da produção audiovisual que pretendem realizar;
- i) Contribuímos com novos campos de investigação, tanto pelas próprias atividades de exibição, refletindo sobre as práticas de recepção do público; quanto pelos resultados da produção audiovisual proporcionada pela pesquisa; e
- j) Produzimos, motivados pela riqueza dos debates que se seguiram às exibições quatro artigos acadêmicos, dos quais dois já foram publicados: “O Delicado no Cinema de Ettore Scola”⁸¹ e “A

⁸¹ Conferir Silva, Virgínia de Oliveira. (2011) O delicado no cinema de Ettore Scola. In: Passos, Mailsa C. P. e Pereira, Rita M. Ribes (Orgs.). *Educação Experiência estética*. (pp. 105-122). Rio de Janeiro: NAU.

representação do paraibano em *O Homem que virou suco*⁸², refletindo respectivamente sobre “Um dia muito especial”, do italiano Scola, e “O Homem que virou Suco”, do brasileiro João Batista de Andrade. O primeiro, em livro organizado pela Professora PhD Mailsa Carla Pinto Passos e pela Professora Doutora Rita Ribes Pereira, do PROPed-UERJ, e o segundo, em publicação organizada pelo Professor Doutor Erenildo João Carlos, Vice-Coordenador do PPGE-UFPB, e pela Pós-Graduanda Dafiana Vicente. Os outros dois artigos referem-se a filmes nacionais, sendo um sobre “O Pagador de Promessas”, de Anselmo Duarte, e outro sobre o documentário do paraibano André da Costa Pinto, “Amanda e Monick”. Estes estão ainda aguardando publicação.



Figura 6 Reprodução de frame de "Amanda e Monick"

Realizamos outras ações (visitas a galerias, museus, e bibliotecas; idas ao cinema e ao teatro; participação em palestras e debates...) que, embora não estivessem previstas em nosso Projeto inicial, em muito contribuíram para as nossas reflexões.

Concluindo

Como dissemos, baseamo-nos nos referenciais da pesquisa participante, objetivando obter subsídio crítico e reflexivo, teórico e prático, sobre Cinema e Educação. Para esse fim, realizamos nas instituições supracitadas algumas das diversas ações que já vimos desenvolvendo na UFPB, junto à equipe do Projeto Cinestésico, que, conjugando docência e pesquisa a partir da extensão, articula formação em Educação e Comunicação e possui como objetivos: exhibir, debater, pesquisar e produzir audiovisuais para a educação crítica.

⁸² Conferir Silva, Virgínia de Oliveira. (2011) A representação do paraibano em *O homem que virou suco*. In: Carlos, Erenildo João e Vicente, Dafiana do S. S. (Orgs.). *A importância do ato de ver*. (pp. 57-73). Paraíba: Editora da UFPB

Buscando compreender as ressignificações realizadas pelo público na leitura dos audiovisuais, a partir das vivências em debates e/ou oficinas pós-exibição, o Projeto Cinestésico agrupa professores-pesquisadores, graduandos e pós-graduandos de Pedagogia e Comunicação da UFPB, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal do Ceará (UFC) e suas ações são realizadas, preferencialmente, em espaços de formação de professores e de comunicólogos. A pauta de filmes prioriza a produção paraibana, mas não exclui outras, cumprindo o princípio cineclubista de promover debates após a exibição.

Considerando-se os audiovisuais como materiais fundamentais na produção de conhecimentos no espaço escolar em seu diálogo com leituras trazidas de outras agências formadoras, buscamos contribuir para a leitura crítica, numa perspectiva multiculturalmente orientada, capaz de dialogar reflexivamente com os estereótipos que nos cercam cotidianamente.

Quanto às nossas investigações, podemos afirmar que a recepção dos produtos audiovisuais exibidos e debatidos nas IES pesquisadas, foi sempre positiva e estimulante, pois as enunciações promovidas pelos espectadores ao final de cada sessão relatando as suas impressões caminharam-se para os seguintes sentidos: o aprendizado, a alegria, a satisfação, a surpresa, a identificação com as temáticas tratadas nos vídeos documentários e/ou ficcionais: exploração do homem pelo homem (“Água mole em Pedra Dura”, de Ivanildo Gomes; “O Último Coronel”, de Machado Bitencourt...); preconceito e intolerância étnica, sexual e/ou ideológica (“Um Dia Muito Especial”, de Ettore Scola; “Maria de Kalu”, de Carlos Mosca e Ronaldo Nérays; “Amanda e Monick”, de André da Costa Pinto; “Pensamento Severina”, de Dhiones Santos...); memória afetiva e histórica (“Álbuns de Memória – a fotografia da Paraíba”, de Elisa Cabral e Bertrand Lira; “Na Memória dos Meus Avós – Um e Outras Histórias”, de ASCUZA...).

Ressaltamos tanto o apoio do pessoal docente e dos servidores quanto dos discentes das IES pesquisadas, o que nos faz compreender a importância da dimensão participativa nos processos educativos. Apontamos ainda o papel formativo das reuniões realizadas com os universitários da UERJ, UFRRJ e UFPB, em que partilhamos textos teóricos e abordamos as questões aqui expostas, tentando fazer uma leitura crítica do que transcorria nas IES envolvidas na pesquisa. cremos, dessa forma, ser de fundamental importância a experiência com a extensão e a pesquisa na formação que esses educandos estão vivenciando no Ensino Superior. Lamentamos que por falta de condições estruturais, essas experiências ainda fiquem limitadas a um quantitativo restrito de estudantes.

Destacamos a importância de analisarmos os depoimentos dos participantes não apenas do ponto de vista de sua expressão pessoal e particular, mas também daquilo que essas falas ecoam, dos outros sujeitos e grupos sociais que representam. Conforme nos aponta MIRANDA (in FILÉ, 2000, p. 20-21):

(...) o chamado 'receptor' em Bakhtin assume status de co-autor do discurso do também chamado 'locutor', caracterizando o campo dialógico. Esse regime de co-autoria torna-se possível devido à polifonia e polissemia da palavra e do enunciado (grifo nosso). A palavra é polissêmica porque assume diferentes sentidos, nos mais variados contextos. É por se carregar pleno de sentido que cada enunciado deve carregar as mais diversas vozes. Cada enunciado diz menos a respeito de um sujeito do que da alteridade e da produção de diferenças, pois nele estão contidas diversas vozes de diferentes lugares e das mais diversas épocas. A metáfora musical da polifonia compreende este encontro marcado pela pluralidade textual de vozes e consciências diferenciadas (...).

O testemunho do filho menor de idade de uma das estudantes presentes à sessão de exibição de “Água mole em Pedra Dura”, de Ivanildo Gomes, cineasta de Soledade – PB, é visceral e revela observação, aprendizado e modificação de atitudes antes “naturalizadas” ou banalizadas: “A partir de agora, vou dar mais valor a quem faz os paralelepípedos das ruas em que ando.”

Outro depoimento forte e significativo pode ser detectado na explanação da estudante da LEC que, após se identificar, exigiu que se reconhecesse que a cidade dela também estava no mapa, diferentemente do que costumar ouvir de seus colegas. Afirmou, alto e bom som, que ela também era cidadã do município de Olho d'Água, que alegremente destacava dentre uma das cenas de “A Caixa d'Água do Sertão”, de Diassis Pires, cineasta de Coremas – PB.

Enfim, testemunhamos uma gama de sensações e impressões conceituais, materiais e simbólicas, que denotam a força conotativa que o cinema impregna, tanto dentre os seus admiradores mais freqüentes quanto dentre os seus espectadores eventuais.

Quanto ao objetivo de produzir audiovisuais, levando os espectadores a compreenderem suas formas de produção, possibilitando-lhes lugares de autoria e contacto com os elementos constitutivos da linguagem própria do audiovisual, o cumprimos na UFPB e com sujeitos envolvidos em nosso projeto nas IES pesquisadas para que também possam disseminá-la.

Consideramos que nossa pesquisa exige um fôlego maior em toda a sua extensão e abrangência e que o projeto que desenvolvemos durante a nossa Licença para Capacitação, cujos resultados ora apresentamos, exige, por sua complexidade, um período mais ampliado de investigação acadêmica, constituindo-se, assim, ele próprio, mediante alguns poucos reajustes, em um Projeto de Pós-Doutoramento a ser apresentado à Instituição de Ensino Superior com Programa de Pós-Graduação em Educação ou Comunicação com interesse em sua relevante temática, para ser executado a partir do segundo semestre de 2012. Cumprindo-se, assim, uma de nossas metas estabelecidas, a saber: a construção de nosso Projeto de Pós-Doutorado.

Com os dados levantados por nossa pesquisa, até o presente momento, podemos afirmar que a leitura crítica dos produtos audiovisuais em IES é fundamental para que os espectadores possam questionar os estereótipos e os valores usualmente veiculados pelos produtos do grande circuito comercial. Concluímos, assim, que urge promover-se em todo o Ensino Superior, sobretudo na formação de professores, o processo de “letramento do olhar”.

Referências

- Althusser, L. P. (1998). *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Alves, Nilda; Garcia, Regina Leite (org.) (2000). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Belloni, Maria Luiza (2005). *O que é mídia-educação*. 2ª ed., Campinas: Autores Associados.
- Betton, Gerard (1987). *Estética do Cinema*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bourdieu, P. (1996). *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus.
- Brasil. Ministério da Educação (2001). *Parecer CNE/CP/Nº 9/2001*. Retirado em Março 15, 2012 de <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>.
- _____ (2006). *Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006*. Retirado em Março 15, 2012 de http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf.
- _____ (2006). *Manual de Educomunicação*. Retirado em Fevereiro 23, 2008 de <http://www.cdcc.sc.usp.br/CESCAR/Atualizacao/10.pdf>.
- Canclini, Nestor Garcia (2000). *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade*. São Paulo: EDUSP.
- Chartier, Roger (1999). *A aventura do livro do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora da UNESP/Imprensa Oficial do Estado.
- Citelli, A., Costa, M. (orgs.) (2011). *Educomunicação, construindo uma nova área de conhecimento*. 2ª ed., São Paulo: Paulinas.
- Francastel, Pierre (1998). *A imagem, a visão e a imaginação*. Liboa: Edições 70.
- Freire, Paulo (1979). *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____ (2006). *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 48ª ed., São Paulo: Cortez.
- _____ (2011). *Extensão ou Comunicação?* 15ª ed., São Paulo: Paz e Terra.

- Giard, Luce (1996). História de uma pesquisa. In: Certeau, Michel de (1996). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. (pp. 9-32). Petrópolis: Vozes.
- Giddens, Anthony (1991). *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Gil, Antonio Carlos (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ª ed. São Paulo: Atlas.
- Goldenberg, Mirian (1999). *A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record.
- Hall, Stuart (2003). *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Lakatos, Eva Maria; Marconi, Marina de Andrade (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª.ed. São Paulo: Atlas.
- Leone, Eduardo Mourão, Maria. Cinema e montagem. São Paulo, Ática, 1987
- Martin, Marcel. A linguagem cinematográfica, trad. Paulo Neves. São Paulo, Brasiliense, 1990
- Levy, Pierre (1998). *A ideografia dinâmica: Rumo a uma imaginação artificial?* São Paulo: Loyola.
- Lima, Lauro de Oliveira (1991). *Mutações em Educação segundo McLuhan*. 20ª ed., Petrópolis: Vozes.
- McLuhan, Marshall (1967). *O meio é a mensagem*. Rio de Janeiro: Record.
- _____ (1969). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix.
- Miranda, Luciana (2000). Protagonismo juvenil: Fragmentos de um olhar. In: Filé, Valter (org) (2000). *Batuques, fragmentações e fluxos: Zapeando pela linguagem audiovisual no cotidiano escolar*. (pp. 9-24) Rio de Janeiro: DP&A.
- Moreira, Antônio Flávio (org.) (1999). *Currículo – Questões atuais*. 3ª ed., São Paulo: Papirus.
- _____ (2008). *Indagações sobre currículo: Currículo, conhecimento e cultura*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.
- Schaun, A. (2002). *Educomunicação: Reflexões e princípios*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Silva, Tomaz Tadeu da (1995). *Alienígenas na sala de aula – Uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (2001). *Documentos de identidade – Uma introdução às Teorias do Currículo*. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica.
- Soares, Ismar (2011). *Educomunicação: O conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas.
- Sodré, M. (2002). *Antropológica do espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Rio de

Janeiro: Petrópolis: Vozes.

Thiollent, Michel (1985). *Metodologia da Pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.

Triviños, Augusto Nivaldo Silva (1997). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Viñao Frago, A. (1993). *Alfabetização na sociedade e na história: Vozes, palavras e textos*. Porto Alegre: Artmed.

6.128.

Título:

A atividade docente universitária e a argumentação nas práticas de recepção, compreensão e produção de textos acadêmico-científicos

Autor/a (es/as):

Silveira, Maria Inez Matoso [Universidade Federal de Alagoas – UFAL]

Cavalcanti, Ricardo Jorge Sousa [Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Alagoas]

Resumo:

Em muitos cursos superiores de várias universidades brasileiras, a disciplina Língua Portuguesa ou, como é mais recentemente chamada, Leitura e Produção Textual em Língua Portuguesa, aparece geralmente nos períodos iniciais, ou no chamado ciclo básico, ou ainda, nos primeiros períodos acadêmicos semestrais dos diversos cursos. Como se sabe, essa disciplina e aquelas relativas à organização do trabalho acadêmico e à metodologia da pesquisa devem contribuir para o próprio desempenho e letramento acadêmico do aluno na sua trajetória nos cursos de graduação para enfrentar novas formas de saber, de entender, de interpretar e de organizar o conhecimento. Geralmente, essas disciplinas de cunho instrumental, a despeito de sua importância no currículo, têm carga horária reduzida e, por conta disso, torna-se um dilema para o professor decidir quais conteúdos e habilidades priorizar diante da defasagem dos alunos em relação ao domínio da língua culta e, especialmente, do registro linguístico mais elaborado presente nos textos acadêmico-científicos. Esses textos, além da formalidade e da aparente impessoalidade; da concisão na exposição das idéias e do vocabulário específico, apresentam também um alto grau de argumentatividade que se realiza, na superfície linguística, através de marcadores lógicos e discursivos, modalizadores e recursos metadiscursivos (KOCH, 1987; 2008). Em relação à argumentação, os anos de nossa prática docente na universidade têm mostrado que, dentre as dificuldades encontradas nas atividades de leitura e produção de textos pelos alunos, estão a compreensão e a comunicação de argumentos na língua oral e na língua